

LUDICIDADE E INFÂNCIA: UMA INTERLOCUÇÃO NECESSÁRIA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Amanda Pires Chaves, José Milton de Lima, Márcia Regina Canhoto de Lima.

Faculdade de Ciências e Tecnologia. UNESP – Campus de Presidente Prudente. Departamento de Educação Física. CNPq/PIBIC. E-mail: amadapcv@hotmail.com.

RESUMO

A presente pesquisa assume como objeto de estudo a ludicidade no contexto da Educação Infantil. Está sendo desenvolvida em duas salas de Educação Infantil: Pré I e Pré II, e conta com a participação de duas educadoras e quarenta crianças de uma instituição municipal, na cidade de Presidente Prudente. O interesse em pesquisar este tema surgiu a partir da constatação de que os atores escolares e familiares pouco sabem sobre as culturas infantis. Os estudos da Sociologia da Infância são referenciais predominantes da pesquisa. A metodologia utilizada caracteriza-se como Pesquisa do tipo etnográfico. Os resultados alcançados revelam que a instituição estudada valoriza e compreende as culturas da infância, o que pode ser observado por meio de várias atitudes. Quanto aos familiares, constatamos que os mesmos concebem o eixo “ludicidade” como necessário, contudo, ainda não compreendem a importância desse tipo de atividade na formação das crianças.

Palavras-chave: Ludicidade, Educação Infantil, Sociologia da Infância.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado de uma pesquisa de Iniciação Científica- PIBIC/CNPQ, em sua terceira renovação, que está sendo desenvolvida em uma Instituição Municipal de Educação Infantil, no município de Presidente Prudente. Ela se originou de um projeto maior intitulado: “Um caminho para a infância: saindo de encruzilhadas no contexto da Educação Infantil¹”, composto por docentes e por discentes do curso de Educação Física e Pedagogia da Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP, Campus de Presidente Prudente, sendo todos membros do CEPÉLIJ- Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Ludicidade, Infância e Juventude e do Grupo de Pesquisa: “Cultura Corporal: saberes e fazeres” e também com a colaboração de educadores da instituição parceira.

A partir da vertente da Sociologia da Infância, procurou-se estabelecer como objetivos, a análise das culturas da infância, sua compreensão no contexto da Educação Infantil e como era trabalhado um dos eixos estruturadores dessas culturas, denominado segundo Sarmiento (2004) de: ludicidade, tanto no meio escolar como no familiar.

Tem como meta contribuir na produção de indicativos que possam colaborar na mudança

¹ Esta pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos processo n° 102/2009.

de concepções, que norteiam o trabalho pedagógico na Educação Infantil, no que diz respeito às atividades que privilegiem a infância como categoria e as culturas infantis, como um tipo de identidade definidora. Esta investigação se justifica, pois, colabora para que pesquisadores universitários e participantes da instituição da rede municipal de ensino reflitam sobre questões da prática educativa e que possam influir no seu processo de formação profissional, ampliando o conhecimento sobre o tema estudado e criando possibilidades para avanços na qualidade educacional no âmbito da Educação Infantil.

OBJETIVOS

- Identificar e compreender como são concebidas as culturas da infância em duas salas de Educação Infantil: Pré-I e Pré II, em uma escola municipal, na cidade de Presidente Prudente.
- Analisar como é trabalhado o eixo “ludicidade” nessas duas turmas de Educação Infantil.
- Apontar e inferir como é concebido o eixo “ludicidade” no meio familiar e se este está recebe sua devida importância.
- Levantar indicativos que possam no tocante instigar a bolsista para o desenvolvimento do pensamento científico e a introdução à pesquisa no âmbito da Educação Infantil.

METODOLOGIA

Esta pesquisa possui natureza qualitativa, visto que trabalhamos com atributos que não são totalmente quantificáveis e estatísticos, necessitando de uma análise interpretativa e crítica do material coletado dialogada com a realidade encontrada.

Qualitativo está ligado aos sentidos produzidos nas relações sócio-historicamente determinadas, afirmando a alteridade e as turbulências que nos movem a analisar, a dialogar, a buscar entender o que vivemos. As palavras mudam de significado em função dos sentidos que vão sendo agenciados nas práticas de acordo com as relações de força implicadas naquele momento (ROCHA, 2006, p. 171).

Pelo fato da pesquisa qualitativa ser flexível, pois abrange em seu decorrer alguns ajustes e/ou aprofundamentos de natureza teórica e metodológica, selecionou-se a etnografia como método. De acordo com Viégas (2007, p.104),

Etnografia é um método de pesquisa oriundo da antropologia social, cujo significado etimológico pode ser “descrição cultural”. Assim, ela representa a tentativa de estudar a sociedade e a cultura, seus

valores e práticas, a partir de sua “descrição densa”, entendida como mais do que a mera compilação de fatos externos ao pesquisador.

Dessa forma, a pesquisa etnográfica, busca, entre outras coisas, “estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante” (VIÉGAS, 2007, p.105), enfim, desenvolver um trabalho de campo, implicando estar no local, participar, observar, conversar e registrar as experiências por escrito.

As observações e registros da presente pesquisa tiveram início no segundo semestre de 2011, no contexto de uma instituição municipal de Educação Infantil, localizada em um dos distritos do município de Presidente Prudente, interior do Estado de São Paulo, e contou com a colaboração de duas educadoras e de quarenta crianças, com idade entre quatro e cinco anos, integrantes de uma turma de Pré I e outra de Pré II. Foi elaborado um diário de campo, com o intuito de analisar e compor as discussões referentes ao tema pesquisado. Os elementos registrados foram: a data, a turma escolar, os nomes das crianças, o espaço de realização das atividades, a temática do brincar, os aspectos desenvolvidos, as ações realizadas pelas professoras e as conversas ocorridas durante a brincadeira. Esse registro foi armazenado, constituindo-se fonte de conhecimento para a pesquisa, possibilitando a compreensão das culturas da infância e como o eixo ludicidade era trabalhado nesta instituição.

Posteriormente, foram realizadas entrevistas com as educadoras, com a finalidade de “aprofundar as questões e esclarecer os problemas observados” (ANDRÉ, 1995, p. 28), além de verificar as concepções relacionadas às culturas da infância. Para as entrevistas foram utilizados instrumentos como gravador e caderno de anotações os quais serviram de suporte para as mesmas.

Como método de investigação, para análise da concepção do eixo ludicidade no contexto familiar, também foi adotado o questionário aberto, que em nome do rigor científico foi constituído por três fases/etapas em sua construção (adaptação): estudo pré- piloto, estudo piloto e estudo principal. (CUNHA, 2007).

A escolha do questionário aberto constituiu-se pela sua fácil aplicação e por possuir um grau de confirmação aceitável. Visto que o questionário por si só não pode não corresponder à verdadeira realidade, optamos em aplicar o questionário aberto como uma forma de organizarmos algumas informações e estabelecer combinações com a observação em campo.

O questionário foi dividido em dois blocos, medidos por diferentes variáveis. O primeiro bloco destinou-se a caracterizar os sujeitos segundo sexo, idade, número de filhos, profissão,

renda familiar, carga horária de trabalho e bairro onde reside. O segundo bloco incluiu várias temáticas de análise relacionadas à ludicidade no meio familiar.

Sendo assim concluímos que as observações, entrevistas e questionários realizados tornaram-se, portanto, parte essencial do desenvolvimento da pesquisa, auxiliando a elucidar as questões discutidas pelos autores do referido estudo e possibilitaram uma maior aproximação entre pesquisador e pesquisado, entre situações, lugares e pessoas.

RESULTADOS

Direcionando o nosso olhar, procuramos por meio das observações elucidar algumas indagações referentes às crianças e as educadoras: como elas se organizavam e estruturavam o brincar? Quais papéis estavam sendo adotados por crianças e adultos? Essas relações estavam de acordo com as expectativas da pesquisa?

Constatou-se, em relação ao papel das professoras nas brincadeiras, que demonstravam uma atuação que promovia a inibição, ou seja, resumia-se a manter a disciplina por parte das crianças. Logo no início era comum chegarmos à sala e nos depararmos com falas do tipo: “*Fiquem sentados e escutem! Depois vai chegar à vez de vocês falarem!*” ou então “*shiuuu, não precisa gritar, fala mais baixo!*”, ou então não participavam de nada e não faziam nenhum comentário. Contudo, nas últimas aulas eram visíveis a mediação e aceitação das educadoras e dos demais atores escolares diante das histórias e brincadeiras.

Sala: Pré I e II

Professora Lígia (nome fictício)

Espaço: Externo.

Brincadeira: Joaninha vermelha.

Nessa aula, contou-se uma estória de um menino chamado Lipe, que estava a caminho do castelo de uma princesa, quando no meio da floresta decidiu dar um cochilo. Nesse cochilo, ele teve um sonho, em que ele havia se perdido na floresta e estava desesperado. No meio do caminho encontrou com Dona joaninha, que estava desesperada atrás de suas filhas. Lipe então sugeriu que ele e ela andassem juntos ela procurando suas filhinhas e ele a procura do castelo.

Ações: No meio da história o professor de Educação Física disse: O lipe foi para a floresta procurar o castelo. *Roberto, uma das crianças, disse: Mas o lobo mau pega ele. O professor disse: Ele estava bem atento, ouviu uma voz que vinha das árvores, e todas as crianças gritaram: Macaco! O professor continuou: Dessa vez não era o macaco, era um bichinho pequeno, com pintinhas pretas. A professora Lígia então falou bem baixinho: Eu acho que eu sei... uma joaninha!, e todos concordaram com ela.*

Desse modo, inicialmente havia uma incerteza de que realmente havíamos compreendido a real concepção das culturas da infância na instituição parceira, assim aprofundamos nosso olhar por meio da realização das entrevistas junto às educadoras e a diretora.

Inicialmente questionamos as professoras, qual importância elas atribuíam a brincadeira no desenvolvimento da criança.

Professora Lígia

“É muito bom, principalmente aqueles que têm dificuldade para trabalhar com a linguagem e a escrita, é através do brinquedo que eu consegui alguns avanços com dois da minha sala que estavam deixando muito a desejar e eu fui por este caminho, então neste bimestre na avaliação percebi bastante avanço por meio da brincadeira, por que pelo meio prático eu vi que não tava dando certo e assim fui para o lado da brincadeira, e vi que foi bem melhor.”

Percebe-se na fala anterior que a educadora admite a brincadeira, o lúdico como elementos importantes, porém, anteriormente via o brincar e o aprender como posições opostas no processo pedagógico, visto que ela só passou a utilizá-los depois do início desta pesquisa.

Em último momento, questionamos se na formação inicial das educadoras havia sido contemplada essa questão da ludicidade, a resposta obtida foi a subsequente:

Professora Rose

“Eu fiz CEFAM, então eu tive essa noção assim, com a gente, mas não específico com as crianças. Em relação algum curso assim, eu fiz faz muito tempo, fornecido pela rede, e nos cursos de pedagogia o que a gente percebe é que é muita teoria, mas a prática mesmo é deixada de lado.”

Destarte, é possível afirmar que a presença do lúdico e a importância dada ao mesmo são determinadas pelo grau de conhecimento e aprofundamento teórico que a educadora tem em relação ao jogo e à brincadeira.

Até o presente momento, constatamos que a instituição de Educação Infantil investigada valoriza e compreende as culturas da infância, o que pode ser observado por meio de várias atitudes, entre elas, a auscultação das vozes infantis, a busca de parcerias para o aperfeiçoamento das rotinas pedagógicas, a distribuição de horários condizentes com as atividades principais da infância, o oferecimento de espaço adequado para a prática lúdica, a busca de um arcabouço teórico condizente com a prática estabelecida e, finalmente, o fato de a interpretação das educadoras em torno da criança demonstrarem que suas concepções acolhem a criança como um ser que pertence a uma categoria social e que é marcado pelo seu contexto histórico e cultural.

Todavia, no decorrer da pesquisa as educadoras também apontaram que devido aos pais elas se sentiam pressionadas o que demonstrou prejudicar os trabalhos das mesmas. Dessa maneira, elencamos também como objetivo desta pesquisa apontar como o eixo “ludicidade” é concebido no meio familiar e se este está recebendo sua devida importância.

Sendo assim foi aplicado um questionário aberto aos pais ou responsáveis, com o intuito de desvendar o nosso objetivo. Os questionários foram entregues às duas educadoras, para que as mesmas entregassem aos pais. Foram entregues quarenta questionários, dentre os quais foram respondidos vinte e sete, ou seja, 67% dos pais ou responsáveis responderam. Ao analisarmos os questionários constatamos que os pais ou responsáveis concebem o eixo “ludicidade” no meio familiar como necessário, contudo ainda não demonstram clareza sobre a devida importância para o desenvolvimento da criança. Dessa maneira a escola, caracterizada como um local facilitador das interações entre pais/responsáveis e filhos, deve proporcionar momentos de discussões sobre as atividades lúdicas favorecendo assim a ampliação da compreensão sobre o tema, empregando para isso oficinas, palestras, debates, etc.

DISCUSSÃO

Levando em consideração o que foi apresentado anteriormente, sabe-se que a escola é responsável por parte do cuidado, educação e desenvolvimento das crianças. Todavia, Katz citado por Moyles (2002) aponta que a escola deve ser sensível às expectativas dos pais, contudo não deve se submeter a eles e não pode perder de vista o cumprimento do seu papel social, sem se submeter às influências externas.

Desse modo, Poletto (2005) aponta a escola como possível facilitadora do processo de interação entre escola e família, e familiares e crianças.

A escola pode servir de local facilitador para que algumas atividades lúdicas possam acontecer, permitindo a interação maior entre escola e família, ao mesmo tempo que pode favorecer uma maior proximidade entre familiares/cuidadores e crianças. (POLETTTO, 2005, p. 74)

Além disso, é papel da escola, conscientizar os pais sobre a importância da aprendizagem por meio do brincar, salientando que ela é apropriada e vital para o desenvolvimento de todas as crianças. Sendo assim, destaca-se a pesquisa realizada na Escandinávia por Moyles (2002), localidade esta em que as crianças recebem educação pré-escolar por meio de atividades lúdicas, e que o analfabetismo adulto é quase escasso. Sendo assim, Lally (1988) citada por Moyles (2002), mostra-se indignada com a atuação de pais e professores que ainda insistem em ensinar as

crianças por meios que no passado já fracassaram.

Por que insistimos, então, em expor nossas crianças a estilos de aprendizagem que falharam com tantos de nós no passado? E por que temos tanta relutância em aceitar que aprendemos principalmente por meio de experiências que nos interessam, nos motivam e são divertidas? (LALLY apud MOYLES, 2002, p. 178)

Destarte, compreende-se a vital importância da brincadeira como forma de aprendizagem. E, ainda Clark (1988) citado por Moyles (2002) afirma que quando o adulto participa ativamente das atividades lúdicas proporcionam as crianças um maior desenvolvimento.

Estudos de observação demonstraram que um ambiente de atividades lúdicas livres tem o potencial de estimular a aprendizagem nas crianças pequenas... ele deve ser cuidadosamente estruturado, e os adultos têm um papel crucial em sua organização e precisam intervir seletivamente no “brincar” infantil. (CLARK apud MOYLES, 2002, p.176)

Nessa perspectiva, resta-nos diminuir a diferença que existe entre o brincar da criança e o brincar do adulto, visto que segundo Moyles (2002, p. 181) “As crianças brincam para encontrar a realidade; os adultos brincam para evitá-la.” Encarar a realidade é a única maneira de abrimos nosso olhar para o novo e modificarmos nossas concepções, assumindo o papel de construtores do conhecimento e facilitadores do desenvolvimento.

CONCLUSÃO

É preciso que as educadoras compreendam a ludicidade não como uma atividade a mais, reservada apenas para um momento especial, mas como uma ação contextualizada com o ambiente, que faça parte das atividades diárias. Sabemos que dar oportunidades de atividades lúdicas de qualidade às crianças pequenas é um desafio, todavia, o brincar é um veículo fundamental de aprendizagem que tem repercussões significativas e duradouras sobre o desenvolvimento educacional e social, merecedor de atenção e de trabalho excessivo para alcance do sucesso.

Valorizando as culturas da infância com a devida consciência de que respeitar o processo de desenvolvimento da criança e explorar sua criatividade, melhora as condutas das crianças no processo de ensino-aprendizagem.

Desta forma professores e pais devem se aprofundar em temas relacionados com as culturas infantis e principalmente, acreditar que somente a partir do momento em que as crianças forem valorizadas e respeitadas nas suas culturas, elas atingirão seu desenvolvimento pleno.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- CUNHA, A. C. **A investigação por questionário e entrevista: um exemplo prático**. Braga: Editorial Magnólia, 2007.
- MOYLES, J. R. **Só brincar? O papel do brincar na educação infantil**. Trad. Maria Adriana Veronese. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- POLETTTO, R. C. A ludicidade da criança e sua relação com o contexto familiar. **Rev. Psicologia em Estudo**, v.10, n.1, p. 67-75, jan/abr. 2005
- ROCHA, M. L. **Psicologia e as práticas institucionais: A pesquisa-intervenção em movimento**. Porto Alegre: Psico, v. 37, n. 02, p. 169-174. 2006.
- SARMENTO, M. J. **Imaginário e culturas da infância**. Cadernos de Educação, Pelotas, v. 12, n. 21, p. 51-69. 2003.
- SARMENTO, M. J. Infâncias, tempos e espaços: um diálogo com Manuel Jacinto Sarmento. **Currículo sem Fronteiras**, v. 6, n. 1, p. 15-24, jan./jun. 2006.
- SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. **Crianças e Miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Lisboa: Asa Editores S.A. 2004.
- VIÉGAS, L. S. **Reflexões sobre a pesquisa etnográfica em Psicologia e Educação**. Salvador. jan/julho. 2007.